



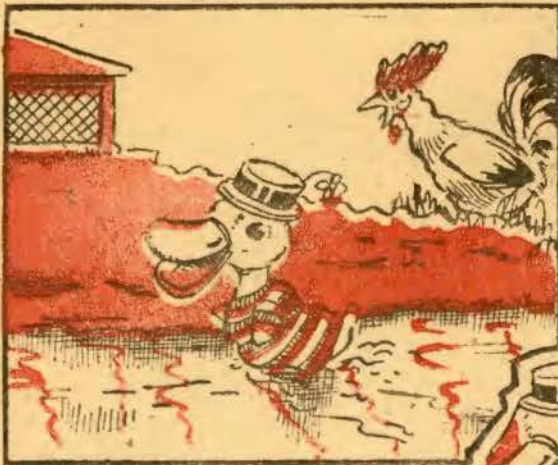
Director literario:
Albuquerque
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Guarollak
PAPUSSE

«TIC-TAC» e MESTRE GALO



Mestre Galo,
vê, com mágoa,
«Tic-Tac»
dentro d'água

Não sabendo
nadar nada,
invejoso,
logo brada:

— «Como outrora
cavaleiro,
uso espora
qual guerreiro!

Pobre pata,
sempre à pata,
nada vales,
nada, nada!»



Tio Tónio

«Tic-Tac»,
ref dos patos,
nisto encontra
dois sapatos,

a seu lado,
com espora.
— «Oh que achado!..»
diz agora,

E, calçando-os,
logo brada:
— «Só nos falta
a montada!

Eu cá nado
mas você
sabe muito
e anda a pé!

Você nada,
camarada,
nada, nada,
mesmo nada!»

O & A

1 -ce A U

com AR 1^o A 5^a O -A feiro

-to Q U

T a .

O GNADO "E1 !"

"Maa O i ca k . Q CONTRA fund 10anos 20 REIS -tin

U ?" E ! En -bo

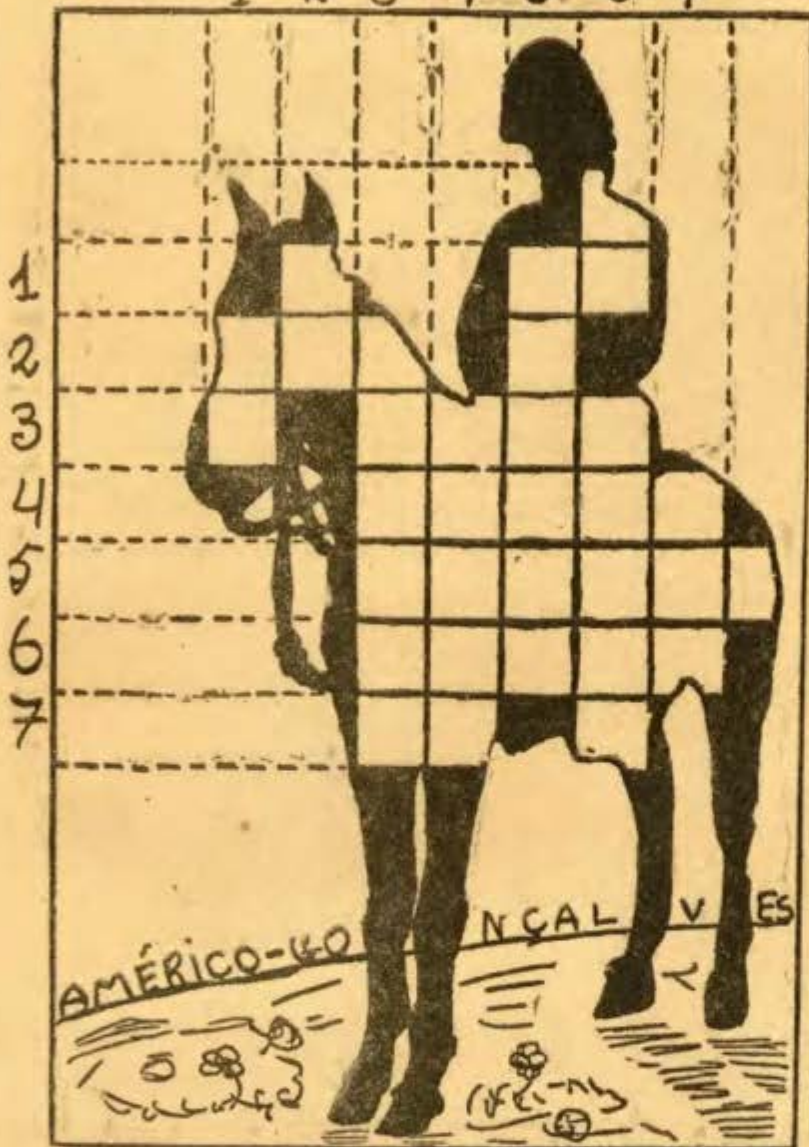
A debita Q c eu $\frac{te}{v}$ 1

-eta da -to ?

Ver a solucao no proximo numero

Palavras cruzadas — Problemas

1 2 3 4 5 6 7



E SOLUÇÕES

Palavras a ler horizontalmente

1—Consoante—aqui—2—Feridinha—vogal—3—Vogal—desmoronar-se—4—Gastar com o uso—5—Influência de Deus na alma das pessoas, segundo a opinião dos crentes—6—Quatro consoantes e uma vogal—7—Duas vogais—uma vogal.

Palavras a ler verticalmente

1—Luto—2—Comiseração—3—Inutil—4—Quimbombo—5—Cortar—6—Porque—arreatado—7—Três consoantes.

PORTUGAL

C									
A	Á	V	O	R	E	S			
R	I						R	I	A
A	P	A	L	P	A	O			
V	A	L			R.	C.			
E		T							
L	E	O	N	O	R				
A	S	S	A	D	O				
	S		P	E	L	E			
	Z	E	L	O	T	I	P	I	A
P	A			L	E	M	E		
V	I		D	E				U	
A	R	R	E	A	R				
M	I		E	R	O	I			
E		I		A			V	I	
L		A	C	H	O		A		
		N	O	T	E	L			
		A	M	A					
		P	E			C	R	E	
		O	M	E	G	A			
		R		L	I	S			
		A	R	A	R	A			
			O	S	O	R	O		

Antônio Calçada

PROBLEMA

AMÉRICO GONÇALVES



Este problema consiste em traçar uma recta que corte sómente as letras que formam um apelido.

Solução no próximo número

SOLUÇÃO DO ANTERIOR

Aventuras do Capitão Tubarão



1. Olhando para baixo, só então compreendemos a situação aflitiva em que estávamos. A nossos pés desentolava-se um verdadeiro mar de vegetação em que difficilissimo seria descer.

E eu que fiquei sem os meus ricos cinco tostões!...



2. Súbitamente, como uns náufragos no oceano, avistámos no longe, um avião. Berrámos, fizémos sinais e conseguimos ser descobertos.

O aviador agarrou numa corda e como um laço atirou-a sobre o balão.



3. Amarrámo-nos conforme pudémos, pois não havia tempo a perder. Eu pela barriga e o Tripulação por uma perna. Depois de algumas horas de viagem aterrámos, finalmente, numa cidade civilisada.

Eu, devido à corda, tinha uma cinturinha de vespa....



4. ...que até parece mentira, enquanto ao meu criado, devido à posição forçada de pernas para o ar, subiu-lhe o sangue de tal forma à cabeça, que parecia uma verdadeira melancia!



5. Depois de alguns dias de viagem, chegámos a Portugal de onde tive que sair logo em seguida para tratar de coisas fantásticas.



6. E aqui está, amigo Tio Tónio, a conclusão dessa minha primeira aventura tão inacreditavel mas bem verdadeira. Muitas mais coisas tenho a contar-lhes, mas reservá-me hei para a primeira oportunidade...

F I M



O PRÍNCIPE DORMINDO

CONTO DE FADAS POR JOSÉ FRANCISCO
DESENHOS DE TIO TONIO



S condes de... iam tôdos os anos passar o verão numa magnifica propriedade, que mais parecia um paraíso, pelas flôres, os frutos saborosos e a água purissima que lá havia.

Tinham dois filhos—
Lidia e Jorge. Ela era

uma interessante criança loura, de olhos côr de mêl, alegre e viva como um rouxinol. Tinha apenas 15 anos. Jorge, um formoso rapaz de 17 anos, tipo de português, moreno fino, de cabelos anêlados, uns lindos olhos castanhos, sentimentais e meigos como a sua alma. Eram tão diferentes um do outro que não pareciam irmãos, e, apesar disso, davam-se muito bem, porque eram muito amigos e educados.

Numa deliciosa manhã de Agosto, estavam êles jogando o foot-ball, no terraço do

jardim, quando passava na estrada uma mulher com um cântaro de leite à cabeça. Um pontapé mais forte e a bola lá vai bater na asa do cântaro, entornando todô o leite sôbre a mulher. Grande atrapalhação dos dois irmãos e da leiteira, que ficou sem fala, tal foi a sua indignação. Quando, porém, os dois irmãos desceram à estrada para lhe pedirem desculpa e prestarem os seus serviços, a mulher, rubra de cólera, dirigindo-se para Lidia, disse: — Oxalá que tu nunca mais tenhas descanso enquanto não vires o Principe dormindo! e seguiu o seu caminho, sem aceitar os oferecimentos dos dois irmãos, que ficaram contrariados com as palavras rancorosas da mulher. Lidia voltou para o terraço, vagarosamente, como se os pés lhe custassem a despregar do solo, olhando o chão, pensativa e triste, acompanhada de Jorge, que a seguia silencioso.

Lidia, sem dizer uma palavra, sentou-se num banco do jardim, engrinaldado de ro-



e vamos jogar. — Não, Jorge, não quero jogar mais com essa maldita bola, que me causou (quem sabe?) alguma desgraça; respondeu Lídia.

.....

Anoiteceu. Tòdos recolheram aos seus aposentos e, altas horas, quando a lua estava em todo o seu esplendor, Lídia, que não conseguia dormir, saíu cautelosamente do seu quarto e foi... toi... olhos postos numa estrêla, em busca do Príncipe dormindo, como lhe rogara a mulher! Pobre criança loura! Como os teus pés mimosos sofreriam nas pedras dos caminhos. Andou, andou muitas horas, sem encontrar ninguém. Já muito fatigada, sem forças para andar mais, viu, no cimo dum monte, uma casinha branca, muito caiadinha, que parecia uma pomba a esvoaçar.

Subiu a montanha e bateu à porta da casa. Apareceu-lhe uma vèlhinha muito branca, cabelinhos de prata, com um lenço cõr de neve na linda cabeça. Surpreendida

sas de tocar, cujos botões pareciam invejar a frescura daquele lindo rosto.

Que bem que ela estava no seu vestido de azul turquesa, meia branca e sapato, salpicada do sol, que se coava através das trepadeiras do seu maravilhoso jardim. Quem primeiro quebrou o silêncio foi ela. Na sua vozita meiga como a voz das andorinhas, perguntou ao irmão:

— Que te parece, Jorge, a praga que a mulher me rogou? Para ti não foi. — Mas eu também fui culpado, replicou êle, e foi involuntariamente que nós fizemos aquilo, foi um desvio da bola. Se a mulher esperasse, eu pagava-lhe o leite, mudava de roupa, pediamos-lhe desculpa, nada perdia e nós ficavamos satisfeitos por cumprir o nosso dever. Foi precipitada, seguindo uma carreira louca. Deixa-a lá, não te incomodes mais



por vêr uma menina sózinha àquela hora, perguntou agitada: Quem sois e o que quereis a esta hora da noite? Lídia, chorando, contou a sua triste história com tódos os seus pormenores. A bondosa vèlhinha levou-a para o seu modesto «boudoir», forrado de pa-

(Continúa na pagina 8)

HORA DE RECREIO

Um motor de indução por pouco preço

Uma armação de madeira no fecho de uma forca, como indica a gravura, um fio de seda, uma rolha perfeitamente cilíndrica, e aparos de aço, um anel de metal feito de arame grosso e um íman. Depois de se ter feito a forca (chamemos-lhe assim) consolidando-a bem, prende-se-lhe na ponta o fio de seda, no qual se ata um alfinete; esse alfinete é espetado perfeitamente ao centro da rolha, de forma a dar-lhe perfeito equilíbrio. Para servir de balanço tem-se, então, o anel de arame, que se coloca no sítio convencionado.

Os quatro aparos são espetados, dois a dois e frente a frente, podendo também ser aumentado o seu número para seis, sempre de forma a que fiquem em espaços regulares.

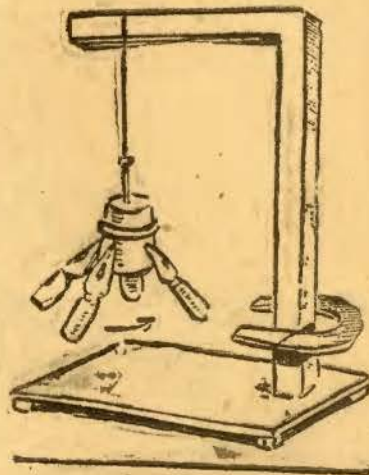
Depois de tudo isto feito é que é ocasião de colocar o íman, por tentativas, de maneira a que não fique muito aproximado pois os aparos colam-se-lhe não muito afastados, senão o seu efeito é nulo.

Os motores eléctricos grandes, obedecem a um princípio semelhante, embora com outros aperfeiçoamentos, como seja a multiplicidade de electro-ímanes, que tem a sua acção em placas de ferro que envolvem o eixo central e que, por um engenhoso dispositivo de ligações, perdem a sua acção de atracção logo que estão em contacto com o electro-íman que a

atraiu! essa acção passa a efectuar-se para a placa que lhe segue, produzindo nestas circunstâncias um movimento de rotação continuo.

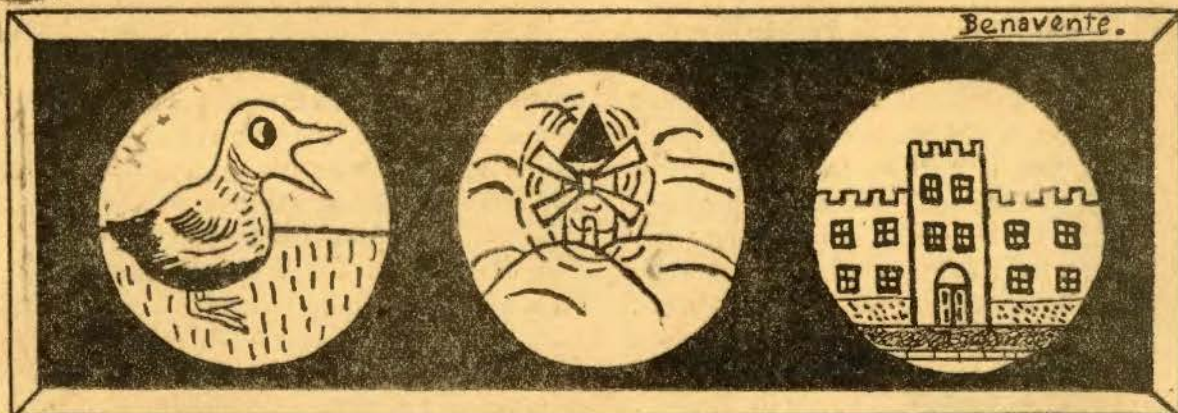
As experiências eléctricas e o assunto da construção, *motores eléctricos* é de veras interessante e aborda-la-hei na primeira oportunidade.

Seria interessante que cada um possuísse uma pequena oficina onde fabricaria toda a espécie de brinquedos.



Tiotónia

Vistas para a Lanterna Mágica por Manuel Bernardes Benavente



O sucesso alcançado com a construção da «Lanterna Mágica» publicada no nosso número, excedeu toda a minha expectativa.

Estou satisfeito com esse facto e, como o prometido é devido, vou agora dar-lhes as indicações precisas para, economicamente, fazerem as imagens que não-de ser passadas na nossa Lanterna, ou e miquaquer outra. Arranjam-se, em primeiro lugar, várias chapas de vidro com 6,5 centímetros de altura, tendo o cuidado de as limpar bem para ficarem livres de qualquer gordura.

Agora vou tratar das imagens. Há vários processos para as conseguir. Um deles consiste em desenhar sobre papel vegetal, os bonecos que a vossa imaginação e habilidade alcance, colorindo-os para o efeito ser mais surpreendente. Podem também recortar as figuras do próprio *Pim Pam Pum*, mas, não querendo inutilizar o nosso interessante *Journalzinho*, decalquem as figuras pelo processo indicado no N.º 173 de 9 de Abril deste ano, que consiste no seguinte: esfrega-se um pedaço de estearina, muito ao de leve, sobre o papel vegetal, collocando a parte untada sobre o desenho. Esfrega-se depois com a unha ou uma colher, até que a figura tenha aderido à estearina. A seguir contornam-o com tinta para se não sumir e dão largas à vossa fantasia, colorindo-o com aguarelas.

Podem, ainda, comprar em qualquer capelista «bonecos de estampar» que todos conhecem, e passá-los ao papel que, em todos os casos, deve ser vegetal.

Os desenhos são colados ao vidro, premindo-os ligeiramente para ficarem sem rugas. O papel deve ser maior que a chapa de vidro, de forma a ficar com uma margem de 5 milímetros

em todas as faces que se dobram, para resguardar as mãos dos nossos lanternistas das arestas de vidro. Espero outro sucesso



Igual ao da Lanterna Mágica e que com estas explicações todos tenham facilidade em fazer as vistas.

Alguma dúvida que tenham perguntem ao vosso amigo,

Benavente



(Continuado da página 6)

pel branco, obrigou-a a sentar na sua cadeira de braços, coberta de linho finissimo, deu-lhe chá numa chávena tôda branca e bolos de açúcar com claras de ovos. Depois de a vêr mais confortavel, disse-lhe: Minha menina, tu ainda não sabes onde estás! Andaste tanto, tanto, pela força sobrenatural dessa praga que te rogou a leiteira, que chegaste aqui, à casa da Lua, e eu sou a mãe dela. Como hoje é lua cheia, ela recolhe tarde, mas deixa-te estar até ela vir. Talvez ela saiba onde está o Príncipe dormindo. Passadas umas horas, uma luz branca, suave como arminho, banhou a montanha, o telhado, as janelas, num banho branco de neve e, como neve luminosa, veio deslumbrar a velhinha e Lidia, que gosava com aquele deslumbrante espectáculo. Era a lua que entrava na sua casa e recolhia ao seu ninho côr de açucenas. A mãe apresentou-lhe Lidia e disse-lhe o motivo da sua presença ali. A Lua gostou da criança loura, beijou-lhe os cabelos e, acariciando-lhe as faces desmaiadas pela vigilia, falou-lhe assim: — Minha filha, que má que era essa mulher que vendia leite! És tão débil e mimosa! Como hás-de percorrer a pé, léguas e léguas, por montes e vales? O palácio do

Príncipe dormindo fica ainda muito longe daqui. Ouve a história dos amôres desse Príncipe, que é muito interessante: O Príncipe dormindo, começou a Lua, fitando com ternura Lidia, amava uma princesa loira e formosa como tu, com as delicias dum primeiro amôr. Numa noute das minhas, pediu a um Génio que o levasse a vêr a sua princesa, que não via há muito tempo. Agora não, disse-lhe o Génio, que ela está dormindo e não te fica bem entrar no seu quarto. Meu amigo, implorou o Príncipe, eu prometo não fazer barulho. Entramos pela janela do seu quarto, eu beijo-lhe a testa de mansinho e volto para aqui. Mas leva-me, que, se não vou, morro de saudades. Para te fazer a vontade, disse o Génio, levo-te, mas tiro a responsabilidade das desgraças que te acontecerem.

Lidia não perdia uma só palavra do que a Lua lhe dizia.

O Príncipe, louco de contentamento, sentou-se nas asas do Génio, e, auxiliado pela minha luz, lá fôram pelo ar, numa correria de mil quilómetros à hora, sem sinaleiros, nem atropelamentos.

(Continua no próximo número)